

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pessima ordem das coisas sublunares

CAMILLO CASTELLO BRANCO,

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 4 — 31 de Janeiro

DEPOSITO
ADMINISTRAÇÃO DA EMPREZA EDITORA
109 = Rua da Barroca = 109
LISBOA

15-67

O 5.^o numero das *Balas... de papel*, será posto á venda em 15 de feyereiro nas livrarias, estancos e kiosques.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR — 50 RÉIS

—
Todas as requisições devem ser dirigidas á administração da empreza — Rua da Barroca, 109, Lisboa.

Editor responsavel — J. Garcia de Lima, rua da Bella Vista, 98

Typ. Rua da Barroca, 109

BALAS... DE PAPEL

N.º 4 — 31 DE JANEIRO

AO DEUS DARÁ...

A mui alta e nobre cidade de Lisboa, que, segundo Damião de Goes, *é um reino por si só*, tem andado, com o bom tempo destes ultimos dias, a espanejar-se ao sol, sem querer cuidar de nada, desleixadamente, no gozo da desforra das longas chuvas que a detiveram em casa, e como quem vae já, na previsão saragoçana de novos aguaceiros, abastecendo-se de céu azul e ar calmo. Descuidada da redução dos seus meios de vida, impostorona e catita, com a fome á porta, tanto se lhe dá que o senhor Oliveira Martins decrete economias, como se lhe deu que o senhor Marianno de Carvalho acudisse com alguns milhares de contos á companhia sem real dos caminhos de ferro. — Ha de ser o que Deus quizer! Não está para se ralar! Que não! Que seu pae não faz outra, e que a vida são dois dias... Quem vier atraz que feche a porta.

Diverte-se, — pois! — á saída da missa do Loreto, cubitando as mysticas mulheres, que ha de acotovelar seguidamente na Avenida, quando ellas puzerem olhos de admiração no convalescente *sportman* Romero, levado a trez, e dali, após o jantar de restaurante, — os salsifrés, os theatros, os circos e o salão da Trindade completam a festa. Bem lhe importa a ella que se vendam as colonias, como quer o deputado Ferreira d'Almeida; ou que Portugal, por conselho do tribuno Manuel d'Arriaga, se deixe de ser industrial! A pandiga filha de Ullyseu, ao recolher de madrugada ao seu quarto andar, em nada pensa, nada quer, e mesmo — temos ganas de o affirmar á face da Europa — nem sequer acreditaria, se lho dissessem, que a essa hora Carrillio e Elvino

meditam sobre a pauta, no silencio dos seus suburbanos gabinetes de homens d'Estado.

E francamente é essa indiferença do alfacinha ante o revoltoso mar turvo das coisas lusitanas, todo feito de aguas que espumam nas quebradas dos vagalhões de que surdem destroços de naufragios, o que desafia a indignação do *Jornal da Noite*, intransigentemente votado a propellir, aos sinistros sons do *chá-ira*, e contra os burguezes dinheirosos que não lhe assignam a folha, essas centenas de operarios sem trabalho que se reúnem no pateo do Salema, — onde ha um vinho «de rachar pedras» — não muito distante da Subscripção Nacional, que já para ahi se pede cuide daquelles braços desempregados, mandando-os para a Africa a colonizal-a. Mas não vos illudeis. Isto de querer povoar de vagos trabalhadores colonias que inda não se sabe se serão dentro em breve vendidas, cheira a pouca-vergonha. Parece temerem-se que elles possam, num arrojo pra mais de meio litro, impôr uma liquidação social aos que já lá deviam estar na Costa d' Africa. Ah! tivesse apparecido ha mais tempo na Boa-Hora, que não na litteratura, o bacharel Trindade Coelho e o país havia de ter visto o que era uma emigração em barda de gente limpa e civilizadora na direcção de S. Thomé e Principe!

Agora, que a final ha mostras de vontade nesse sentido, pois que, na alternativa, a Penitenciaria não pode comportar tanto cavalheiro, e temos por assim dizer um governo de energias novas em folha, queira Deus que não seja adiada a justa resolução de tornar a capital mais... habitavel e o continente negro mais... prospero. Que na moderna Lusitania — valha a verdade! — tudo se adia e se deixa para amanhã, mormente em materia de julgamentos. Exemplos: dum ladrão diz a Lei: — «Processal-o-hemos»; dum livro diz a Critica: — «falaremos»; dum caso notavel dizem os noticiarios: — «daremos pormenores», etc. E' o que vae succedendo sem demora ao actual gabinete de salvação publica; todas as suas decisivas medidas são para o dia seguinte. Dahi o povo a dar a entender que hoje não se fia... nelles, amanhã sim; — que os maus pagadores o quizeram assim.

Amanhã, sim — será supprimido o ministerio de instrucção publica; venderá a senhora Dona Maria Pia as suas joias

para dar o producto aos pobres; fechará o theatro de S. Carlos; abicharão a amnistia os revoltosos do Porto; os titulares que não pagarem os encartes perderão o direito ás graças e mercês, e o *Seculo* dará nome e retrato da mulher que serviu para iscar o Neves do Banco do Povo, o qual Neves tambem amanhã, sim, será catrafilado.

Demain c'est le tombeau! — Ah elle é isso! Que o Mariano vá prá lãvoira, — que nós vamos ler o *Pimpão* duas vezes por semana; que o Ennes volte para a Africa e o Baracho lá fique, — nós dispomo-nos para vêr o *Burro em Pancas*, do snr. Jayme Batalha Reis e mais sete. E emquanto os burocratas gemem (só *amanhã, sim*, é que hão de berrar, de meias com a tropa, se Deus não mandar o contrario) nós — agora nós, senhor conde! — queremos pedir para o grande banqueiro que anda lá fora a salvar Portugal de morrer sem a extrema unecção — mais outra gran cruz, sob proposta do snr. Oliveira Martins.

—••—
Gremio Artistico se chama uma sociedade de que é presidente o snr. Ramalho Ortigão e que se estabeleceu no Bairro Alto, com um conto de réis que o snr. D. Carlos lhe prodigalizou para pôr casa. E é que tem uns ricos canapés! Mas vamos ao que importa. Essa agremiação de artistas do pincel, do buril, da penna, do cinzel e até do bisturi — que ha lá de tudo, bemdito seja Deus! — representa-se pelo symbolo duma venus de Milo, com esta divisa em latim, que traduzimos: *Uma pessoa não vive só de pão!* Ora esta allegoria das artes lusas reunidas na rua da Barroca, 107 achamol a bem posta. Pão não lhes basta; um bocado de conduto calhava, indas que fôsse apenas queijo ou sardinha... mas não podem deitar-lhe a unha por — falta de braços.

E quando foram pedir ao chefe do Estado, por alma dos seus defuntos, a esmolazinha para fundar o albergue, não saber o rei mandal-os para o asylo! — Pobres manetas...

—••—
O *Seculo Junior*, que vae apparecer breve, como pelas esquinas se viu, antes da policia fazer raspar os indicativos cartazes, dizem-nos que é feito portas a dentro do Limoeiro. Seus redactores são, por força, homens de muito tino. Podiam publicar primeiro o periodico e irem ao depois para

a cadeia. Assim como procederam é mais bonito. Que grande pirraça á justiça! Metta-os lá no Limoeiro, ó seu Trindade Coelho, se é capaz!



Uma comedia no Gymnasio — oh caso extranho e digno de memoria! — desagrada. Entre os pateadores, no meio da balburdia, distingue-se um jornalista vermelhao no rosto e vermelhao em politica. A muitos indigna-os o proceder do membro da imprensa.

— Que não pode, que não deve, como redactor dum jornal, manifestar ruidosamente a sua reprovação.

Accordamos com os taes, já pelo bilhete de borla, já por que o campo em que os pés dos jornalistas de direito se devem mover é a imprensa. Sim, senhores, ali é livre a palavra.



— Lês as *nouvelles à la main* do *Figaro*?

— Leio-as... nos jornaes de Lisboa.



Lançamos mão da penna para fabricar algumas balas deste arsenalzinho computado em meio tostão para o povo comprante — e que nos custa um grande dispendio de phosphoro — á hora em que pela Baixa e seus arrabaldes passeia toda a gente — que, bem mais feliz que nós outros, não necessita de estar prahi entre quatro paredes, como tantos mariolões «nossos collegas», a tornar lamentavel o descobrimento de Gutenberg.

Está lindo o dia, nada proprio á meditação, e nós — por tua causa, ó *Serapião*, que nos não lês! — carecendo de meditar para teu bem e do teu país. — Raios vos partam! A vocês e ao Julio Janin, que disse, que teve a pouca vergonha de dizer que os interesses de cada individuo, seja que *Serapião* fôr, estão ligados aos interesses de toda a sucia restante.

Tolamente, alguns assustadiços tremem. Está imminente, matutam, uma revolução. — Que a multidão chegou ao estado tenso em que as multitudões se revoltam, e os elasticos estoiram! Ora a revolução chegou já, já estaes a braços com ella. Desde o dia em que se comprehendeu que a prisão de meia duzia de banqueiros denunciava ao povo a culpa de

muitas dezenas de ministros, desde que as suspeitas dos chinfrineiros de viela, que accusavam os politicos enriquecidos, se fundaram em alicerces visiveis, desde que o novo ministerio declarou—em camaras—que vinha remediar os esbanjamentos dos ministerios anteriores—e vos impôr um córte no ordenado, a revolução começou; sim, porque o remedio é revoltante! Porque desde que este gabinete declara que os seus antecedentes esbanjaram, o *recipe* não é economizar com as ultimas razões dos esbanjados,—é penhorar os esbanjadores, que são elles, que sois vós. Pois o snr. Dias Ferreira não se autorizou a prender até sem culpa formada? Então por que hesita, então a que podem vir os escrúpulos? Não estão apontados pelas suspeitas do paiz os ladrões? Ah! Quer-nos parecer que o snr. Dias Ferreira foi tão sincero no seu programma, como usa sel-o o Ennes nos seus artigos politicos!

E se não tem remedio senão reduzir a despesa do Estado, para lhe augmentar a receita pelo processo que vae seguir, e que em ultimo caso approvamos, por que não reduz aos contribuintes as despesas?—Como?... Comendo! Estude o snr. José Dias Ferreira, se quizer sabel-o.

Va lá: dir-lhe-hemos uma das formas dessa redução, que nós aprendemos queimando as pestanas em Coimbra: obrigue os senhorios a um abatimento de 20 % nas rendas estabelecidas no 1.º semestre deste anno! Não pode fazel-o um governo que escolheu a divisa «Energia», rejeitando ao snr. Fuschini a de «Paz e Concordia», mais dada a um retiro de pacatos dos arredores da capital?

E' disto que os novos ministros devem fazer, visto que a energia neste momento, para salvar o paiz, necessita até de fazer destas coisas, tomar destas medidas enormes, que o povo todo applaudiria, embora os senhorios lhe chamassem despotismo, miguelismo, absolutismo, o que elles lá bem quizessem no seu bestunto;—e desculpe o snr. José Dias o nosso alvitre. Bem sabemos que é tambem senhorio.

Meditemos ainda mais.

No dia seguinte áquelle em que o novo governo se apresentou ao parlamento os partidos fizeram-lhe o mesmo que se costuma fazer a um amigo que põe em scena uma peça má: applau-

diram na platéa, e disseram cobras e lagartos nos corredores. Nas camaras era tudo um declararem-se ao lado dos illustres ministros para tudo; á noitinha, nas gazetas uma troça pegada ao barrete do bispo Ayres de Gouveia, e ao chinó do general Furtado; — manha antiga de politicos quererem vêr coisas extranhas nas cabeças dos nobres ministros. — Extranhas é modo de falar.

E' uma guerrazinha hypocrita esta, que bem se manifesta na sonsa má vontade com que os jornaes receberam o novo governo. E' que os jornaes são quasi todos redigidos pelos sucios que se têm alcatruzado no poder, fazendo as bellas administrações que nós sabemos. Estamos a vêr o senhor Lopo Vaz de Sampaio e Mello, — muito nome e muito talento! — estamos a vê-lo em casa, rodeado de amigos politicos tedeumzeiros e galopins, esfregando as mãos e notando, com muita resposta de apoiados, que nenhum dos novos governantes é capaz de fazer umas eleições. Estamos a vêr o snr. João Arroyo, esse papagaio inutil e charlatinho, (para não dizermos charlatão de tão formigal sujeito) estamos a vê-lo notar que o general Furtado não dará duas palavras, — uma aposta!? Mesmo é tambem provavel que o Sergio de Castro accrescente ao snr. Arroyo: — O Furtado? Nem orador, nem jornalista!

Damos por verdadeiro o final do breve discurso do illustrado senador Eduardo de Abreu. Se este governo não puder levantar-nos, será o ultimo antes da revolta, porque a revolução, como dissémos, já começou no seio das familias; — tal diria Dona Guiomar Torresão, sentindo-se ella propria uma familia revoltada, só por si.

Paramos por aqui hoje. Nada de meditações. Toca a sair. — Olha, até logo, *Serapião*.

O *Portuguez* ligou-se ao *Portugal* e fez-se de novo *Reporter*. Indignação geral! Mas ha coisa que não é inferior no genero. O *Illustrado*, em janeiro de 1890, por causa dos Ingлезes, mudou o seu *high-life* em *sociedade elegante*, e, depois do tratado assignado com os *piratas*, deitou outra vez *high-life*.

Sois capazes de dizer que isto não tem graça!...

Mas, perguntamos, que hão de fazer agora os dois órgãos perante as novas exigencias dos Inglezes com respeito á India?

Regressará a 2.^a edição do britannizado *Reporter* á sua dupla origem tão titularmente nacional?

O reservido *high life* volta a ser por algum tempo *societade elegante*?

Cá nós, para tornar bem lusitanos aquelles lettreiros, propomos: substituir o *Reporter* pelo *Bisbilhoteiro* e o *high life* por *societade inegante*. Mas — já se sabe! — logo que o snr. Soveral voltasse ás boas graças do snr. Salisbury, voltariam tambem as acreditadas folhas a fazer uso das suas primitivas taboletas.

E sois capazes de dizer que isto não tem muita graça!...

Um novo livro de dona Guiomar Torrezão chama-se, como os de Georges Ohnet, *Batalhas da vida*. Damos já por vencido o editor, que — glorifiquemol-o, pois o merece — é o sr. Antonio Maria Pereira, rua Augusta, 50, 54. A morada é para que vós — ó plumitivos desdenhados — ali vos dirjaes a trocar longos cadernos cheios de garatujas pelo bom oiro prodigo do magnanimo e bizarro Pereira, inclyto protector das letras.

Julião d'Alva, Sergio no *Illustrado*, em Coimbra *Raposas*, e tolo em todos os pontos do planeta terraquio, verseja no citado jornal desta forma:

Em S. Carlos e na Avenida

CLXXXIX

A senhora Baroneza
Ha pouco vinda do Porto,
Do seu *menage* feliz
Cheio d'amor e conforto,

Rosto, sorrindo bondade,
Olhos, cheios de doçura
N'aquella graça perenne
D'una tranquilla ventura.

JULIÃO D'ALVA.

Ora adrega de calhar que certos miologistas affirmam ser um signal de loucura embryonaria o phenomeno mental de pegar um individuo a escrever orações incompletas.

Acabaria este *Julião* por onde os outros começam?... Pois até a loucura neste jagodes estará ás avessas?...

— Tivesse uma fortuna, que lha deitava aos pés...

— Tambem eu, se ella não lhe deitasse as mãos!

Passava a «formosissima» Cinira.

Passou o quinto anniversario da morte do Fontes no dia 22 do corrente mez. Esperavamos que nesse dia os jornaes monarchicos viessem jurar, á-la fé de suas cinzas, que haviam seus redactores politicos de continuar a *grande obra* do *grande estadista*. Julgámos, inclusivamente, que algum, mais sincero e mais forte, escrevesse a promessa de emendar os desvarios do cavalleiro do Tosão, que foi o propagador do methodo esbanjante de vencer eleições e acreditar-se, distribuindo pastas. Fontes construiu um falso castello de cartas, com o rei Luiz de copas no cucuruto; esperávamos, por isso, que os seus successores do poder exclamassem: apêemos o baralho, e construamos um edificio seguro. Mas qual! Disseram todos *una voce* que o Fontes estava cá fazendo uma falta enorme, que se elle não morresse não estavamos assim, e outras banalidades que tinham desculpa no tempo d'elle, porque o Fontes lhes causava pavor com o seu—assombroso talento.

Além de ser falso, é repugnante. O que elles mostram, assim, é que se julgam todos muito inferiores ao Fontes. Se o são, o que não negamos, não ha nesse caso politico monarchico que exceda as dimensões de um feijão fradinho. E' que se pode ser maior que o Fontes sem se alcançar a trez polegadas de comprimento. O *grande* Fontes não foi mais do que um estadista liliputianno, incapaz de ser amanuense em França, e presidente na republica de San Marino.

No dia em que escrevermos a historia de Portugal hemos de provar isto, esfarelando por inutil esse colosso de papelão, para quem a posteridade ha de ser um alguidar de agua, —dados os effeitos da agua no papelão.

Uma boa cousa fez elle ao país : foi provocar o nascimento do partido republicano com a sua idolatria ao rei. Demonstral-o é facil.



Notava ha dias a *Batalha que os degredados politicos apodrecem em Africa, e os degredados da opinião honrada vão á norte para S. Carlos.*

Emendemos : Os degredados politicos vão para a Penitenciaria, os da opinião honrada para as camaras, e levantam-se ahi contra o indulto que se pede para aquelles.

Vejamos agora a differença que existe entre os revoltosos do Porto e os traficantes de Lisboa. Aquelles deram motivo a uma reacção de que resultou um milhão de cartas congratulatorias ao rei ; mostraram a força da monarchia ; fizeram com que a magestade gozasse uns brodios na Beira e no Minho, entre parenthesis, caritos um pouco ; levaram, por meio do rei jubiloso, esmolos aos pobres das provincias visitadas, jantares e calças aos noticiaristas, gratificações a diversos purrios : numa palavra, deram fructos de benção a metade do país,—e foram presos !

Os da *revolta monetaria*, em Lisboa, fizeram exactamente o contrario ! Desacreditaram a nação, lembraram economias, obrigaram o rei a offerecer, por conselho do snr. Zé Dias, o seu ordenado á ratagem que vae haver ; metteram os dedos de accionistas e obrigacionistas nas respectivas bôcas, pra que os chuchassem ; numa palavra : escançalharam a egrejinha constitucional, que ia tão bem para o snr. Marianno,—e estão á solta !

E' intelligente o Poder Moderador ! Aos que lhe causam bens, condemna ; aos que lhe trazem males, sorri ! E' como as Joannas da rua das Atafonas : quanto mais lambada lhes dá o marujo, mais o idolatram. Aberrações,—das Joannas e do Poder Moderador. — E se não, ahi está para o provar a idolatria de Sua Magestade (com maisculas para Elle nos detestar) ao numero 57 do centro republicano do Porto ! A sympathia pelo antigo pharmaceutico do largo do Rato ! A cegueira pelo chalézeiro que lhe pôs a madraستا em lençoes de vinho ! O poder que elle dá aos homens que lhe teem desacreditado, emfim, a propriedade.



Noticia dum casamento. — «A ex.^{ma} snr.^a D.*** offereceu á noiva a visão de Santa Theresa.»

Está muito parecido o senhor Beirão.



Uma folha das mais illustradas pede agora em francês esmola para os seus pobres. Por que não a pede, como lá diz o outro :

na mesma lingua em que a pediu Camões.



Francisco d'Almeida saiu do *Jornal da Noite*. Parabens. Mas quem é que vac dar agora palmatoadas no Santa Rita e nos outros. O Epiphanio, se não fôsse o Mello Barreto, é que estava a calhar.



Escrevemos sempre Santa Rita com um t. Ha quem o escreva com dois. Effectivamente o patarata tem direito a outro...



Clamam jornaes de todos os partidos que «o governo deve acabar com os abusos de toda a ordem que nos teem de longa data posto no bello estado que se vê; que corte fundo e com ancia».

Mas por que se não vão estes malandros entregar á prisão?



Agora é que Nosso Senhor podia satisfazer os rogos do Visconde Reynaldo do *Primo Babilio*, mandando-nos outra vez o terremoto, já que temos nas obras publicas um Sebastião José de Carvalho...



Machado Correia escreveu para o theatro da Avenida uma peça em que todos os «nossos collegas» do auctor, que é da redacção do *Dia*, teem dado lambada de cego.

Como a peça se chama *Roupa de Francezes*... não ha nada a dizer.



O país, que deseja entrar numa vida nova, passeia, como no tempo da velha, das trez ás cinco e meia na rua do Ouro, durante a semana, e na Avenida aos domingos e santos dias.

Assim, notamos que a unica parte do país que entrou em vida nova foi a que é formada pelas famílias dos heroes vindimados, ou antes amputados da illustre sociedade elegante, nos ultimos tempos, pela força malandrofuga dos promotores de justiça. E dentro em pouco desenvolve-se uma força igual e contraria, que poderemos chamar malandropeta, e apparecerão novos heroes nos bancos e companhias.

Ai! não te regeneres assim, ó Pina!...

•••

O *Seculo*, — não confundir com o das luzes — declara que está cada vez mais republicano. Que não ha forma de governo mais bonita que a da republica. Que ha doze annos que pugna contra a monarchia. Que tem sido um propagador de idéas democraticas. Finalmente, — oh nova!... — que a Republica ha de vir mais cedo ou mais tarde.

Depois de lançar os correligionarios ao seio desta doce esperanza, diz:

«Mas... é necessario esperar o momento azado para a implantar. Não é agora, com o país nesta desgraçada posição, que a Republica deve chegar. Não ha vintem nos cofres; portanto esperemos que o haja.»

Que tal, hein? Que lhes parece? E' como quem diz — esperemos que o país esteja bem com Sua Magestade, para substituímos esta pelo sr. Magalhães Lima. O país agora está muito mal; *ergo* não é este o momento de o salvar. A Republica é muito boa, mas é quando a nação estiver no seu estado normal. O que a monarchia, porém, não faz, não o pode fazer a Republica. Já vêem, conclue naturalmente o *Seculo*, que a Republica é uma mina.

Quer dizer: o *Seculo*, medico de doenças politicas, é especialista... em constipações. Doenças grandes são para elle incuraveis; devem entregar-se ao tempo — e á natureza.

•••

Passeia na Avenida, ao lado do Gouveia Pinto, um rapaz bem posto, que leva preso a uma fita um *tóto* côr de chocolate e minuscuro, o qual chama para o dono as atencões de toda a gente endomingada que por ali anda arrastando os pés, satisfeita e felizarda. E, ao passarem por nós o elegante, o negroide e o bicho, pergunta um sujeito gordo, com extranheza:

— Quem é aquelle homem que vae com aquelle cão?
E um rapaz magro explica nitidamente:
— E' um homem que vae com o Gouveia Pinto.

—●—
A GENESE DUM VENCIDO DA VIDA

E' do *Crime do Padre Amaro*. Aqui a tendes:

«O secretario geral, o snr. Gouvêa Ledesmna, antigo jornalista, e, em annos mais expansivos, author do livro sentimental *Devaneios de um sonhador*, estava então dirigindo o districto na ausencia do governador civil.

«Era um moço bacharel que passava por ter talento. Representára de galan no theatro academico, em Coimbra, com muito applauso; e tomára a esse tempo o habito de passear á tarde na Sophia, com o ar fatal com que no palco arrepellava os cabellos, ou levava nos transes d'amor, o lenço aos olhos. Depois em Lisboa arruinára um pequeno patrimonio com o amor de Lolas e de Carmens, cêas no Matta, muita calça no Xafredo, e perniciosas convivencias litterarias: aos trinta annos estava pobre, saturado de mercurio, e author de vinte folhetins romanticos na *Civilisação*; mas tornára-se tão popular, que era conhecido nos lupanares e nos cafés por um cognome carinhoso — era o *Bibi*. Julgando então que conhecia a fundo a existencia, deixou crescer as suizas, começou a citar Bastiat, frequentou as camaras e entrou na carreira administrativa; chamava agora á republica, que tanto exaltára em Coimbra *uma absurda chimera*; e *Bibi* era um pilar das instituições.

«Detestava Leiria, onde passava por espirituoso; e dizia ás senhoras, nas *soirées* do deputado Novaes, — *que estava cansado da vida.*»

Admittindo este retrato do secretario geral como uma bala, o caso está a pedir titulo de noticia importante em jornal de dez réis: — *Multiplo assassinio. Suicidio do criminoso.*

—●—
Ha dias, estando o illustre republicano e trabalhadeiro propagador de idéas democraticas — Magalhães Lima sentado na pobrissima poltrona do mansardoso gabinete repostei-

rado da abstinente redacção do seu pingue jornal, com os olhos cerrados e todas as suas atenções recolhidas, dormitando com a suave morbidez de quem tem trabalhado durante doze annos para levantar a nação, — porque o *Seculo* tem sido um arremedo de cantharida da nossa politica; — com os dedos cruzados e as mãos sobre a barriga, não falando já da mosca impertinente que lhe *fazia* o nariz, de cima para baixo, de baixo para cima; — entra no aposento um homem gordo, rubro, apopletico, suado, e, sentando-se em frente de Magalhães, bate sobre o bufete uma palmada, ao som da qual o Messias acordou sobresaltado, — imaginando que saqueavam a administração da util ex-petroleira folha.

— Traição!... — bradou cavo o recém-vindo.

E logo duzentas bôcas de cavalheiros que acompanhavam o homem, e haviam quedado na ante-camara, repetiram:

— Traição!...

E um echo das abobadas da officina, em baixo:

— Traição!... Cão!... Ao!...

Seguiu-se um silencio sepulchral e uma scena pavorosa á ulla syllaba echoada.

Magalhães, de pé, o cabello hirto, os olhos engorazados, a bôca aberta, — como a do João Rosa em scenas de surpresa, olhava o homem e procurava os outros com um olhar trémulo.

— Senhor, disse por fim o recém-chegado: Senhor! Ha moiro na costa! O partido socialista traz o *Seculo* de vista para o fazer numa posta!

— Costa! Lista! Vista! Posta!... repetiram em confusão os echos e os circumstantes!

Magalhães tremeu nos fundamentos, esmurraçou o bufete, e, *trez vezes sacudindo as azas brancas, como a pomba gentil da consciencia*, perorou:

— Policia!... Peça-se policia para a rua Formosa!

E, qual se por encanto, cem policia encheram a citada rua. Junto a uma porta fronteira de cavallariça, uma duzia de vultos mysteriosos, que fitavam olhares temerarios nas janellas do *Seculo per omnia seculorum* a dez réis, escoaram-se ao longo do muro herboso da calçada dos Caetanos. Magalhães teve nesta occasião um riso desprezador nos labios!... Fez um signal á policia, que debandou... O ho-

mem que previnira Magalhães saiu co'a turba e foram jantar,— que eram horas. E só, de pé, revoltado intestinamente, soberbo como a estatua de Zé Estevão, sorrindo com o sorriso de Napoleão ante uma ameaça, murmurou:

— Ah!... Lopo, Lopo!... Traidor!... E' como pagas o cuidado com que, enfermo, duas vezes por dia mandava saber da tua importante saude!

E, sentando-se, de novo se entregou num somno olvidador,— o somno quieto da innocente infancia,— o somno de quem tem a consciencia pura.

In pace! Amen!



O snr. Oliveira Martins elogia o povo portuguez por ter acceitado sem repugnancia isto das notas, que aos duzentos contos de réis continuam a vir de Hamburgo, dia sim dia não, e das cedulas desferidas em vôo largo da Casa da Moeda e dos laboratorios chimicos dos magicos. Mas o ministro não tem de que. O nosso compatriota prefere ao metal com a effigie da rainha Victoria ou do rei Luiz o papel com a firma do snr. Gomes Netto ou do snr. Augusto José da Cunha. Porque é uma forma pelintra de *fazer figura*, abrindo a carteira com um certo ar, procurando cas varias divisões a nota ou notula que se ha de estender com imponencia. Até aqui só os ricos e gente de certa ordem tinham carteira de papel-moeda; agora é ver as peixeiras, os padeiros, as mulheres da fava-rica... tudo a representar — com o seu papel. Uma verdadeira democratização — de baixo para cima, já se sabe, como todas! — esta da egualdade da *massa*. E que extraordinaria e profunda intuição a da giria, denominando *massa* o dinheiro quando elle ainda não era, para os philologos da Moiraria, — almaço e pautado.

Insistimos: o snr. Oliveira Martins não tem razão, o que nos leva a acreditar que é porque não a quer ter.

O Magdalena e o *Negro da Bica* para as de 5 milheiros, e certas experiencias de chimica recreativa para as de um e de meio tusto podem de certo abonar o que temos observado, — se houver alguém — está claro! — que os queira abonar a elles.



Morreu a Amélia da Silveira, no Rio. Os noticiaristas choram-na. A boas horas! Isto em amor é não perder as occasiões. Amigos, ficastes codilhados.

Chorae-a... na cama.

Mello Barreto, ao saber a noticia infausta, exfavejou :

— E eu que nunca lhe falei !

Fale lhe agora n'alma.

—••—
A Ultima Nau Portugueza.—Será a Guiomar? — Não, senhores. E' a *Vasco da Gama*, com a «historia da sua vida» réclama o *Seculo* conspicuamente.

Intervistado o editor, soubemos que o capitão se chama — Zé Dias Ferreira.

—••—
Rindo... é o livro de uma senhora. Fialho d'Almeida acha a factura litteraria da obra excellente e que não se pode negar em certas passagens della o talento da escriptora.

Ainda não lemos o *Rindo...* mas iamos jurar que a auctora tem uns dentes lindos.

—••—
X., *Brazileiro*, dá um jantar no Bragança. Estão já alguns convivas na sala; esperam-se ainda mais. Conversa-se. E nisto um criado chega e dá ao X. um cartão.

— E' Fulano, diz elle.

Entra um rapaz muito conhecido no Chiado. Trocam-se cumprimentos, fazem-se apresentações. Fala-se de casos da noite passada: Coliseus, mulheres, jogo... Mas um dos rapazes, que tem visto o bilhete de visita sobre a mesa, para onde o *Brazileiro* distrahidamente o atirou, diz ao tal Fulano :

— Olha, toma lá o teu cartão, pode ainda servir.

— Ora... pra quê?

— Para outro jantar! conclue o *Brazileiro*, — não o parecendo..

—••—
O artigo de fundo das *Novidades* dá agora «passeios pelo orgamento». Habitos inveterados não se perdem.

—••—
O rei, centro da massa economica do país, offereceu o seu

magro vencimento á tesoura do ministro da fazenda, para que lhe corte um quinto, e quiz que se faça o mesmo ás soldadas da sua utel e trabalhadeira família.

Adeus, caçadas ao leão em Mafra!

—●●—
A policia prendeu o noticiarista Soares pelo facto de andar tirando notas na Avenida.

Bem feito. Que fizesse notas, sim; mas tiral-as!...

—●●—
Falleceram dois escriptores celebres: — D. Antonio da Costa e Jayme José Ribeiro de Carvalho. Valiam-se mutuamente. O primeiro era, porém, um pouco menos ameno que o segundo, escriptor gracioso e pintoresco, que fez durante muitos annos as delicias dos seus numerosos leitores.

Deus os junte em amigavel collaboração de uma obra divina nos seios da Eternidade.

—●●—
O *Seculo* deu retratos dos actuaes ministros de quando elles tinham vinte annos.

Disse-nos o Silva Pereira que estão muito parecidos.

—●●—
A Mercedes Blasco deitou carruagem, para andar por essas ruas; mas no theatro continúa a andar a pé.

—●●—
Diogo Alves e Mattos Lobo foram enforcados e os seus congeneres do crime das Picoas devem cumprir ou já estão cumprindo pena; os senhores Eça Leal e Maximiliano d'Azevedo andam impunemente á solta.

Que faz então o delegado Trindade Coelho? Para que serve, pois, o commissario Pedroso Lima? São capazes, talvez, de acreditar que a consciencia castigue aquelles réos, com remorsos eguaes aos alexandrinados no *Crime*, de Guerra Junqueiro.

—●●—
Seculo pede para os operarios sem trabalho. E por que é que não lhes dá nada?